

**O AMOR E SUAS SOMBRA: DESUMANIZAÇÃO E CONTROLE SOCIAL  
EM DO AMOR E OUTROS DEMÔNIOS**

Paula Eduarda Marconi<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17750384>

Quem não tiver Deus, que tenha superstições.

(Gabriel Garcia Marques)

É com o trecho do grande escritor Gabriel García Márquez que se inicia esta resenha. Escritor, jornalista, ativista político e editor, Márquez (1927-2014) figura entre os principais nomes associados ao realismo mágico. Nascido na Colômbia, tornou-se um dos autores mais influentes do século XX, sendo contemplado com o Prêmio Internacional Neustadt de Literatura, em 1972, e, posteriormente, com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Entre suas obras mais celebradas estão *Cem anos de solidão* e *Amor nos tempos de cólera*. No entanto, o foco deste trabalho recai sobre *Do amor e outros demônios*, publicada em 1994, cuja inspiração remonta ao dia 26 de outubro de 1949, quando Márquez, exercendo o ofício de jornalista, foi enviado para acompanhar os trabalhos no convento das clarissas. As criptas estavam sendo esvaziadas para a demolição do prédio e construção de um complexo hoteleiro. No local, o autor deparou-se com uma cabeleira viva e intensa, de cor de fogo, com mais de 22 metros de comprimento, pertencente à lendária menina evocada nas histórias de sua avó, um dos episódios que motivaram a criação da obra.

A edição analisada nesta resenha é da editora Record (2014), traduzida por Moacir Werneck de Castro, contendo 192 páginas. O romance narra as desventuras de um amor proibido e o cotidiano infernal de um casal que não se ama e que, caso tenha nutrido afeição em algum momento, deixou apenas ruínas afetivas. Tal desamor reverbera no descaso dedicado à filha, Sierva María, e resulta na sua aproximação com a cultura das amas e cuidadoras, em

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Português-Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestranda em Linguística da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: paula.eduardamarconi@gmail.com

um período histórico ainda marcado pela escravidão, aspecto fundamental para compreender o contexto da narrativa.

Desde o início, observa-se uma sociedade escravocrata, construída por meio de descrições da compra e venda de escravos, bem como da morte de muitos deles por envenenamento e consequente desova de seus corpos no mar, que voltavam à praia inchados. Logo em seguida, o narrador menciona a venda de uma escrava tão bela que não poderia ser marcada a ferro e que fora adquirida por um governador pelo seu peso em ouro, pago à vista.

As propriedades do primeiro marquês possuíam um amplo pátio onde ficavam os escravos e onde Sierva María cresceu após ser rejeitada pela mãe. A convivência com esse grupo fez com que a menina se sentisse pertencente àquela comunidade, adotando traços culturais e marcas de convivência, sobretudo referentes à cultura iorubá. O autor utiliza elementos históricos para compor o cenário da obra: os iorubás, pertencentes ao sudeste da Nigéria e ao sul do Benin, figuravam entre os povos mais capturados pelo tráfico negreiro. A personagem passa a usar colares de candomblé sobre os escapulários, gesto que pode ser interpretado como crítica à domesticação da religião africana e como forma de resistência à dominação, ainda que ela própria não apresentasse características fenotípicas desse povo.

A presença constante de alegorias, elementos fantasiosos, superstições e crenças - marcas do estilo de Márquez - apresenta, em *Do amor e outros demônios*, nuances distintas daquelas observadas em *Cem anos de solidão*. Enquanto o romance de 1977 conduz o leitor a atmosferas imaginativas, permeadas por delírios apoteóticos e alívios cômicos, aqui o autor se aproxima mais do realismo do que do fantástico, destacando crenças limitantes e opressivas. Diferentemente de Úrsula, que acolhia os seus sem julgamentos, surgem patriarcas que, pressionados pelas expectativas sociais, conduzem à loucura quem, ao que tudo indica, estava em plena sanidade.

Ainda que o romance permaneça mais ancorado no real, a compreensão dessa realidade depende da investigação dos elementos que a compõem. A narrativa oferece dados históricos e geográficos que permitem ao leitor, a partir do distanciamento crítico, avaliar as condutas dos personagens. Considerando o contexto da época, torna-se difícil prever como qualquer indivíduo reagiria

diante de fenômenos que pareciam sobrenaturais: confusão mental, agressividade, alucinações, espasmos musculares e desorientação, hoje entendidos como sintomas descritos pela literatura médica, mas que, no período, eram interpretados como sinais de possessão em uma sociedade permeada pelo pensamento mágico-religioso.

O tormento de Sierva María advém da raiva, doença temida desde a Antiguidade por seu caráter violento em animais e humanos. Na metade do século XVIII, a raiva urbana disseminou-se pela Europa em decorrência do aumento de cães nas grandes aglomerações. Animais infectados viajaram com colonizadores, espalhando o vírus por novos continentes, inclusive pela Colômbia, cenário do romance, cujos primeiros registros datam de 1810. Tanto a menina quanto o cão que a atacou receberam, à época, o mesmo veredito: sentença de morte. Ainda hoje, uma vez iniciados os sintomas neurológicos, 99,99% dos casos evoluem para óbito. O que permite ao leitor acompanhar o desenrolar da história é o longo período de incubação do vírus, que pode durar até três meses, seguido de algumas semanas de evolução da doença. Diferentemente de outras obras de Márquez, nesta torna-se mais fácil acompanhar o transcorrer temporal.

Impossível não relacionar aspectos da obra com questões contemporâneas. Em 1976, a morte de Anneliese Michel evidenciou as trágicas consequências da associação entre distúrbios físicos e psicológicos com supostas manifestações espirituais. A jovem alemã apresentava, desde a infância, transtornos psíquicos que se agravaram com o tempo. Profundamente católica, tornou-se avessa ao sagrado, o que, em 1975, levou à realização da primeira sessão de exorcismo. Anneliese morreu no ano seguinte, após intenso sofrimento, e os dois padres responsáveis pelo ritual foram posteriormente considerados responsáveis por sua morte.

Outras questões emergem da leitura, como o quanto de amor há, de fato, na relação entre a adolescente e o padre adulto, e o quanto há de devassidão, à semelhança de casos como o de “João de Deus”. A literatura, nesse sentido, permite que certos desejos obscuros sejam encenados na ficção para que não se realizem na vida real.

Ao avançar na análise, percebe-se que a leitura inevitavelmente convoca o leitor a imprimir seus valores à narrativa. Entretanto, a polissemia do título conduz a múltiplas interpretações. A relação entre Cayetano e Sierva María pode ser compreendida como exemplo da coexistência entre “o amor” e “outros demônios”, da imoralidade, da perversidade, sugerindo que forças demoníacas tornariam possível tal acontecimento. Além disso, a condição de “possuída” de Sierva María permanece ambivalente: poderia ser entendida como exagero religioso, como fenômeno explicável pela ciência ou, ainda, como efeitos concretos da raiva.

As relações entre os personagens apresentam forte intensidade, com sentimentos que se expressam de forma polarizada: quem odeia, odeia profundamente, e quem ama, ama intensamente. Não obstante, essas contradições não são uniformes e permitem transformações, como ocorre com o marquês, inicialmente indiferente à filha, mas que, após sua contaminação e reclusão no convento, passa a demonstrar profundo cuidado, empenhando-se para visitá-la e ajudá-la.

Mobilizando o título da obra em diálogo com a narrativa, percebe-se que “amor” e “demônios” representam tanto o que há de mais humano quanto o que há de mais “diabólico” nas relações sociais e religiosas retratadas. A religiosidade intensa do contexto evidencia contradições entre o discurso cristão de amor e as práticas de extrema insensibilidade. A figura de Madre Josefa Miranda exemplifica tal paradoxo: rígida, severa e sempre em busca de punir Sierva María, representa a “desumanidade” que poderia ser vista como fruto do diabólico.

O desfecho da obra convida à reflexão sobre as inúmeras possibilidades de desastre anunciadas ao longo da narrativa e concretizadas no destino dos personagens. O amor entre indivíduos tão distintos, a desconstrução das convicções de Delaura, a pureza de Sierva María, a mudança na postura do pai antes indiferente, e a ruptura de ciclos viciosos revelam a beleza da escrita de Márquez.

Assim, indica-se ao leitor “o demônio do amor e da dúvida” e recomenda-se a leitura da obra. Sejam bem-vindos a Do amor e outros demônios.

## **REFERÊNCIAS**

AMORTH, Gabriele. **Novos relatos de um exorcista**. 2. ed. Trad. Ana Paula Bertolini. São Paulo: Palavra e Prece, 2008.

BELOTTO, A.J. Situação da raiva no mundo e perspectivas de eliminação da raiva transmitida pelo cão na América Latina. In: **Seminário Internacional De Raiva, 2000, São Paulo. Anais...** São Paulo, 2000. p. 20-21. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1015925?utm> Acesso em: 19 de Novembro, 2025

GUIMARÃE, Leandro. Gabriel García Marquez. **Brasil Escola**, 2022. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/gabriel-garcia-marquez.htm> Acesso em: 16 de novembro, 2025.

LUISELLI, Alessandra. Los demonios en torno a la cama del rey: pederastia e incesto en Memorias de mis putas tristes de Gabriel García Márquez. Espéculo. **Revista de Estudios Literarios. Universidad Complutense de Madrid**, 2006. Disponível em: <https://www.ucm.es/info/especulo/numero32/camarey.html>. Acesso em: 15 de novembro, 2025.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Do amor e outros demônios**. 29<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Record, 2014.

RODRIGUES, Guilherme. **João de Deus**: entenda as denúncias, condenações e prisões. G1 GO. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/08/26/joao-de-deus-entenda-as-denuncias-condenacoes-e-prisoes.ghtml> Acesso em: 14 de novembro, 2025.

SARTIN, Philippe. A igreja católica, a possessão demoníaca e o exorcismo: velhos e novos desafios. **Temporalidades – Revista de História**, ISSN 1984-6150, Edição 21, V.8, n.2 (maio/agosto 2016). p. 459. Disponível em: [http://200.130.0.112/vufind/Record/UFMG-14\\_f6275faa673f43f4ac134794b59db42d](http://200.130.0.112/vufind/Record/UFMG-14_f6275faa673f43f4ac134794b59db42d) Acesso em: 15 de novembro, 2025.